



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Crítica e gênese de *Evguiêni Oniéguin* nas cartas de Aleksandr Púchkin

Criticism and Genesis of Eugene Onegin in the Letters of Aleksandr Pushkin

Autora: Gabriella de Oliveira Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 25
Publicação: Novembro de 2023
Recebido em: 12/09/2023
Aceito em: 14/10/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.215882>



SILVA, Gabriella de Oliveira.
Crítica e gênese de *Evguiêni Oniéguin*
nas cartas de Aleksandr Púchkin.
RUS, São Paulo, v. 14, n. 25, pp. 48-67, 2023.

Crítica e gênese de *Evguiêni Oniéguin* nas cartas de Aleksandr Púchkin

Gabriella de Oliveira Silva*

Resumo: O presente artigo apresenta um recorte da correspondência de Aleksandr Serguêievitch Púchkin (1799-1837), priorizando aquela em que há registros sobre a gênese do romance em versos Evguiêni Oniéguin (1833) e a crítica gerada pela obra. No que concerne à sua participação em debates crítico-literários, a correspondência de Púchkin está em pé de igualdade com suas obras de ficção e ensaios críticos. Enquanto deixava muitas questões em aberto em suas obras ficcionais, na correspondência, Púchkin escrevia abertamente sobre suas intenções artísticas. Frequentemente o poeta respondia a resenhas publicadas em revistas com cartas dirigidas aos autores destas. Analisaremos como a correspondência de Púchkin funcionou como um laboratório literário e como pode ajudar na compreensão de suas concepções sobre literatura, crítica, gênese de suas obras, publicações e recepção.

Abstract: This article presents an excerpt from the correspondence of Aleksandr Sergeevich Pushkin (1799-1837), prioritizing those in which there are records of the genesis of the novel in verse Eugene Onegin (1833) and the criticism generated by this work. Regarding his participation in literary-critical debates, Pushkin's correspondence is on equal footing with his works of fiction and critical essays. While he left many open questions in his fictional works, in correspondence, Pushkin wrote openly about his artistic intentions. The poet often responded to reviews published in magazines with letters addressed to their authors. We will analyze how Pushkin's correspondence functioned as a literary laboratory and how it can help in understanding his conceptions about literature, criticism, the genesis of his works, publications and reception.

Palavras-chave: Aleksandr Púchkin; *Evguiêni Oniéguin*; Crítica; Correspondência; Gênese de obras

Keywords: Aleksandr Pushkin; *Eugene Onegin*; Criticism; Correspondence; Genesis of works

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Professora Substituta de Língua Russa, Mestre e Doutoranda em Ciência da Literatura, Bacharel em Letras Português-Russo pela mesma Universidade. <http://lattes.cnpq.br/0077888793079692>; <https://orcid.org/0000-0003-1519-8577>; gabriellasilva@letras.ufrj.br

Em 1876, o poeta e crítico russo P. A. Viázemski, escreveu o seguinte: “O escritor em uma publicação é quase um ator no palco. No ensaio, o escritor ainda espreita involuntariamente. Nas cartas, porém, a pessoa é mais evidente”.¹ O estudioso contemporâneo Alain Pagès vai na contramão dessa afirmação, ao escrever que “a correspondência, ao contrário do que se pensa, nem sempre é o lugar de um compromisso sincero: trata-se de uma encenação”.² Afinal, o autor encena em sua ficção ou em sua correspondência?

Um dos melhores amigos de Viázemski, com quem este manteve uma correspondência ativa durante toda a vida, o poeta Aleksandr Serguêievitch Púchkin (1799-1837), suscitou uma opinião diferente da de Pagès entre seus primeiros biógrafos. O primeiríssimo, e também seu amigo próximo, P. A. Pletnioy, destacou o grande valor das cartas de Púchkin como uma fonte primária preciosa para compreender a sua criatividade, essência e biografia.³ Aquele que as lê se depara com diferentes “Púchkins”: o escritor, o crítico, o amigo, o irmão, o marido, o censurado, o exilado político... Quais seriam encenados? Para fins de delimitação, este artigo se deterá apenas no que concerne ao Púchkin escritor e crítico literário.

1 Viázemski, 1876, p. 248 apud Modzaliévski, 1926, p. IV.

2 Pagès, 1985, p. 208 apud Guimarães, 2004, p. 9.

3 Modzaliévski, 1926, p. V.

Sabe-se que Púchkin levava suas cartas muito a sério e muitas vezes submetia a um processo de acabamento estilístico aquelas que ele denominava “cartas preliminares”.⁴ Sabendo que Púchkin calculava minuciosamente as suas palavras desde sua ficção até sua correspondência, podemos acreditar que algum texto seu que chegou até nós seria o conjunto das cópias dos seus pensamentos exatamente como surgiram em sua cabeça e nos permitiria desvelar o âmago do seu ser? Considerando que ele “encenava” algum papel em suas cartas, não seria o caso de elevá-las ao mesmo patamar de suas obras ficcionais e reconhecer seu valor literário?

Púchkin era consciente do significado que sua correspondência com outros escritores possuía. No dia 19 de julho de 1831, após a morte do poeta A. A. Diélvig, ele escreveu ao compositor M. L. Iákovlev: “Outro dia revi as cartas de Diélvig em minha casa; pode ser que com o tempo possamos publicá-las. Ela [a viúva, Sófia Mikháilovna] tem as minhas cartas para ele? Nós as reuniríamos”.⁵ Púchkin via essas cartas não apenas como uma correspondência entre dois amigos, mas entre dois poetas.

Durante o período de exílio, entre 1820 e 1826, privado da possibilidade de comunicação pessoal com amigos, as cartas constituíam o único meio de contato entre estes e de obter informações sobre o impacto de suas obras em São Petersburgo. A correspondência substituiu a conversa oral de que ele tanto precisava, embora, pouco tempo antes, em 1819, tivesse afirmado que não gostava de escrever cartas, pois “a linguagem e a voz já mal são suficientes para nossos pensamentos – e a pena é tão estúpida, tão lenta – a escrita não pode substituir a conversa”.⁶ Para a sorte de seus pesquisadores, foi justamente o exílio que não deixou escolha para Púchkin, e nas suas cartas temos registros do processo criativo de suas obras, do seu envolvimento com as publicações e o desenvolvimento de suas visões sobre literatura e crítica. Nessa época, o irmão

4 Ibid., p. VI.

5 Iákovlev, 1962c, p. 52. Todas as traduções de citações extraídas de edições russas, salvo quando indicados os tradutores, são de nossa autoria.

6 Em carta a N. I. Krivtsov, entre julho e agosto de 1819 (PÚCHKIN, 1962b, p. 15).

mais novo, Liev, além de se tornar o encarregado por cuidar de suas publicações, tornou-se uma espécie de “garoto de recados literários”. Púchkin enviava a ele longas cartas repletas de perguntas sobre publicações de amigos e sobre a recepção de suas obras:

Escreva-me notícias literárias; E o meu “Ruslan”? não está à venda? a censura não o banuiu? deixe-me saber... Se Slionin⁷ o comprou, onde está o dinheiro? e eu preciso dele. [...] E o “Prisioneiro”? [...] E Jukóvski, por que ele não me escreve? Você visita Karamzin? Responda a todas as minhas perguntas, se puder – e rápido.⁸

O romance em versos *Evguêni Oniéguin* também começou a ser escrito durante o exílio. Escrito entre 1823 e 1830, os capítulos do romance foram publicados em fascículos entre 1825 e 1832. Por ter sido uma obra cuja escrita ocupou um longo período de sua vida, é uma daquelas às quais o autor mais se refere em suas cartas.

A primeira menção do poeta sobre *Oniéguin* é de uma carta a Viázemski, de 4 de novembro de 1823, já deixando claro o seu projeto de transição da poesia para a prosa e também a influência byroniana: “Agora eu não estou escrevendo um romance, mas um romance em versos, uma diferença diabólica. Algo como “Don Juan” – não há nada para pensar sobre a publicação; escrevo desleixadamente”.⁹ Em 16 de novembro de 1823, em uma carta a Diélvig, Púchkin se refere à obra como um poema no qual “ele tagarela até não poder mais”,¹⁰ ante-

7 I. V. Slionin foi editor do almanaque literário *Poliárnaia Zvezdá* [Estrela Polar] entre 1823 e 1825. O almanaque foi publicado entre 1822 e 1825 e, além de Slionin, teve como editores K. F. Ryléiev e A. A. Bestújev.

8 Em carta a L. S. Púchkin, de 21 de julho de 1822. Um trecho no fim da carta, em francês, é destinado à irmã mais velha, Olga Serguêievna Púchkina (PÚCHKIN, 1962b, p. 44). As obras mencionadas são os poemas narrativos *Ruslan e Liudmila* (1820) e *O Prisioneiro do Cáucaso* (1822). Vassíli Andréievitch Jukóvski e Nikolai Mikháilovitch Karamzin eram importantes escritores da época, membros da sociedade literária *Arzamás* ou *Sociedade Arzamás de pessoas desconhecidas*, assim como Púchkin. Seus membros, também chamados de *karamzinistas*, faziam frente ao conservadorismo linguístico pregado pelos *arcaístas*, membros da sociedade literária *Conversas entre os amantes da palavra russa*, fundada por Aleksandr Semiónovitch Chichkov

9 Púchkin, 1962b, p. 77.

10 *Ibid.*, p. 79.

cipando a estrutura digressiva de *Oniéguin*, na qual o narrador é o personagem principal, que interrompe a história de Oniéguin, Tatiana e Liênski, para se dirigir ao leitor e convidá-lo a refletir ironicamente sobre a construção de seu romance ou simplesmente se perder em suas divagações. Mais tarde, entre maio e junho de 1825, em uma carta para A. A. Bestújev, Púchkin o aconselhou a fazer o mesmo em suas obras: “O romance requer tagarelismo. Expresse tudo claramente”.¹¹ Em 30 de novembro do mesmo ano, Púchkin envia outra carta a Bestújev com mais conselhos: “[...] pegue um romance inteiro – e escreva-o com toda a liberdade de uma conversa ou de uma carta”.¹² Tais conselhos nos revelam tanto a concepção de Púchkin de como deveria ser a linguagem da prosa romanesca como a linguagem do gênero epistolar: livre.

Entre janeiro e fevereiro de 1824, Púchkin destacou sua satisfação com *Oniéguin* em uma carta para seu irmão: “Talvez eu lhe envie trechos de *Oniéguin*, essa é a minha melhor obra. Não acredite em N. Raiévski, que a reprova – ele esperava romantismo de mim, mas encontrou sátira e cinismo”.¹³ N. N. Raiévski e outros como Bestújev e K. F. Rylêiev, que esperavam o mesmo pathos lírico dos poemas anteriores de Púchkin, como *O prisioneiro do Cáucaso*, surpreenderam-se com o tom prosaico do primeiro capítulo de *Oniéguin*, que descreve causticamente a sociedade de São Petersburgo. Tal característica foi destacada também no prefácio para a primeira edição do primeiro capítulo de *Oniéguin*, no qual se autodenomina um escritor satírico: “Mas permita-nos chamar a atenção dos leitores para virtudes raras em um *escritor satírico*: a ausência de uma personalidade ofensiva e a observação de decência rigorosa em uma descrição cômica dos costumes”.¹⁴ Em 9 de março de 1825, Bestújev envia por carta suas impressões sobre *Oniéguin* e o compara com a sátira byroniana, como se esta fosse um modelo que Púchkin devesse seguir:

11 Ibid., p. 160.

12 Ibid., p. 217.

13 Ibid., p. 90.

14 apud Lótman, 1995, p. 546.

[...] você pegou a sociedade petersburguense, mas não a penetrou. Leia Byron; ele, sem conhecer nossa Petersburgo, descreveu-a de maneira semelhante – no que se referia ao conhecimento profundo das pessoas. Com ele, até mesmo a conversa fiada fingida esconde observações filosóficas, e não há nada a dizer sobre a sátira. [...] E quão perversa e fresca é a sátira dele! Não pense, porém, que não gosto do seu *Oniéguin*, pelo contrário.¹⁵

A resposta de Púchkin, de 24 de março de 1825, nos revela uma mudança de posição do poeta, que passou a negar qualquer intenção satírica e até mesmo a influência de *Don Juan*:

Sua carta é muito inteligente, mas ainda assim você está errado, ainda assim você está olhando para “Oniéguin” do ponto de vista errado, ainda assim é o meu melhor trabalho. Você compara o primeiro capítulo com “Don Juan”. – Ninguém respeita “Don Juan” mais do que eu (os cinco primeiros cantos, não li os outros), mas não tem nada em comum com “Oniéguin”. Você fala sobre a sátira do inglês Byron e compara com a minha, e exige o mesmo de mim! Não, minha alma, você está querendo muito. Onde está minha *sátira*? não há menção dela em “Evguêni Oniéguin”. A marginal estremeceria para mim se eu tratasse de sátira.¹⁶ A própria palavra *satírico* não deveria estar no prefácio. Aguarde mais cantos [...]. O primeiro canto é apenas uma introdução rápida, e estou satisfeito com ele (o que muito raramente acontece comigo). Concluo assim nossa polêmica.¹⁷

Tal mudança de posição é aberta a interpretações: teria sido somente uma prudência de Púchkin em não assumir a sátira por medo da censura tsarista ou realmente uma mudança na visão do autor sobre sua própria obra? O mesmo tom descritivo-satírico do primeiro capítulo não se mantém estável durante o romance inteiro. A visão de Púchkin sobre sua própria obra foi se alterando ao longo dos sete anos de sua escrita e, provavelmente, suas visões sobre sátira e humor também foram se alterando em consonância com as discussões estéticas

15 Carta para Púchkin presente no Tomo 13 da *Coletânea completa das obras, 1837-1937: Em 16 tomos* (1937, p. 149).

16 Púchkin se refere à marginal do palácio em São Petersburgo, onde está localizado o Palácio de Inverno. Trata-se de uma alusão à censura tsarista.

17 Púchkin, 1962b, pp. 143-4.

que estavam sendo levantadas na época, como podemos ver em uma passagem do diário de Küchelbecker, que contrapõe o satírico ao humorista:

[...] o satírico-sarcástico se limita a um sentimento de indignação, raiva. O humorista é exatamente o oposto: ele está aberto a todos os sentimentos, mas não é escravo deles, – não são eles que o dominam, mas ele que os domina, joga com eles [...]. O humorista se diverte com eles e até às suas custas.¹⁸

Longe de representar a realidade unilateralmente, *Oniéguin* é uma obra que se destaca por constantes e dinâmicas transições de tons e imagens, na qual o narrador não revela abertamente se ri ou chora por seus personagens.

Em *Oniéguin*, Púchkin omitiu algumas estrofes e as substituiu por reticências, o que divide alguns estudiosos sobre quais teriam sido suas razões. Alguns acreditam que tenha sido por motivos estéticos, nos moldes do fragmento literário do romantismo alemão; uns, por políticos; e outros, por ambos. Mas há um consenso de que, por temor à censura, Púchkin retirou um capítulo inteiro sobre uma viagem do seu protagonista pela Rússia, por abordar muitos aspectos negativos da realidade russa. Mas ainda no momento da publicação do primeiro capítulo, a partir das dificuldades financeiras relatadas em uma carta de 20 de dezembro de 1824 ao irmão, podemos entender que pelo menos as estrofes omitidas desse capítulo tenham sido eliminadas apenas para facilitar o aval da censura: “Por Cristo e Deus, peço que tire “Oniéguin” da censura o quanto antes – que ela se dane –, preciso de dinheiro. Não barganhe versos por muito tempo – corte, rasgue, rasgue todas as 54 estrofes se for preciso, mas dinheiro, pelo amor de Deus, dinheiro!”¹⁹ O tema do dinheiro era frequente em suas cartas. Em carta a Viázemski, de 8 de março de 1824, ele explicou que escrevia para ele mesmo e que só publicava pelo dinheiro.²⁰

18 Küchelbecker, 1979, pp. 95-6.

19 Púchkin, 1962b, p. 128.

20 Ibid., p. 92.

Além dessas reflexões que os registros das cartas de Púchkin sobre sua principal obra nos permitem desenvolver, por meio delas também temos acesso a alguns desenhos do poeta. Um exemplo é um esboço para uma primeira ilustração de *Oniéguin*, enviado ao irmão, no início de novembro de 1824, para que este encontrasse “um lápis mais habilidoso” que reproduzisse a mesma cena e os pontos destacados nos mesmos locais determinados por ele:



Figura 1 - Autorretrato com Oniéguin na margem do rio Nievá (1824):

Fonte: <http://www.museumpushkin.ru/kulturno-prosvetitel'skie-programmy/ekskursii/tematicheskie-ekskursii/tematicheskaya-ekskursiya-evgenij-onegin-roman-russkoj-zhizni-i-avtorskoj-sudby.html>. Acesso em: 01 set. 2021.

Abaixo do desenho, há as seguintes indicações: “1 bonito [o poeta-narrador, alter ego de Púchkin, à esquerda] - 2 deve estar apoiado no granito [Oniéguin, à direita. As palavras “apoiado no granito” estão sublinhadas, como se vê na imagem], 3 barco, 4 fortaleza, de Pedro e Paulo”.²¹ Tal desenho é a ilustração das estrofes XLVII e XLVIII do primeiro capítulo de *Oniéguin*:

[...] Como, no estio, na hora em que já / É transparente e luminoso / O céu à noite no Nievá / [...] Lembrado um romance distante / Lembrados os amores idos - / Como, sensíveis, descontraídos, / O ar da noite benevolente / Nós o sorvíamos em silêncio! / Como da cela²² a um bosque denso / Se leva um preso ainda dormente, / Nos guiava um sonho em mansuetude / Ao limiar da juventude / [...] Cheia a alma de um desgosto vivo, / E apoiado sobre o granito, / Quedava Eugênio pensativo; [...] Só um barco, os remos em vaivém, / Singrava o rio, as águas calmas, / E vinha nos encher as almas [...].²³

Nas estrofes anteriores a essas, Púchkin, ao mesmo tempo em que se distancia do romance, apresentando-o como ficção, ao colocá-lo ao lado de *Ruslan e Liudmila* (1820), insere o leitor e seu herói no mesmo espaço temporal: “[...] Amigos de Ruslan e Liudmila! / Apresento-vos [...] / o preclaro herói do meu romance: / Eugênio Oniéguin, meu bom amigo, / dado ao mundo nas margens do Nevá, / onde igualmente o meu leitor quicá / tenha nascido [...]”.²⁴ Púchkin conduz a atenção do leitor para a linha instável que separa o textual e extratextual. Seu poeta-narrador não é apenas o portador do discurso narrativo, mas também um personagem direto, que não só apresenta Oniéguin como seu amigo, como compartilha com ele a angústia das lembranças de uma juventude perdida. De acordo com o estruturalista Iúri Lótman,²⁵ um dos maiores puchkinistas do século XX, o texto e o mundo extratextual em *Oniéguin*

21 Púchkin, 1962b, p. 118. Um dos principais símbolos de São Petersburgo e seu monumento mais antigo, inaugurado em 1703, mesmo ano da fundação da cidade. Dentro da fortaleza, situada nas margens do rio Nievá, há uma prisão que funcionou desde o início do século XVIII até o início dos anos 1920.

22 Possivelmente uma alusão à prisão localizada na Fortaleza de Pedro e Paulo.

23 Púchkin, 2019, pp. 63-5. Trad. de Alípio Correia Franca Neto e Elena Vássina.

24 Estrofe II do 1º capítulo. PÚCHKIN, 2016, p. 18. Trad. de Nina Guerra e Felipe Guerra.

25 1995, p. 474.

estão conectados em uma constante reflexão mútua, ressoam interpelações a críticos, amigos de Púchkin, e até mesmo a representação de um deles no romance, Viázemski, em uma passagem com a personagem Tatiana: “Viázemski sentou-se um dia ao lado dela / Na sala aborrecida de uma tia”.²⁶

Por essas e outras razões, já é um consenso entre muitos estudiosos que esse poeta-narrador projeta a imagem direta de Púchkin. No entanto, olhando para o desenho, surge a pergunta: por que Púchkin teria desenhado seus cachos tão mais longos do que costumava usar? Tal figura lembra muito mais a descrição de outro personagem, que só aparece no segundo capítulo, escrito em 1823: “[...] Vladímir Liênski, o nome, aliás, / [...] um exegeta / De ideias de Kant, além de poeta. / Trazia das névoas da Alemanha / Sonhos de amor à liberdade, [...] E sobre os ombros cachos pretos [...]”.²⁷ De acordo com nota dos tradutores Alípio Correia de Franca Neto e Elena Vássina para a edição citada, os jovens que pregavam os ideais de liberdade costumavam usar os cabelos longos na época. O corte de Liênski era uma contraposição ao do seu antípoda, Oniéguin, com seu cabelo curto, típico de um dândi. Ainda de acordo com Lótman,²⁸ a antítese entre o cético Oniéguin e ingênuo Liênski representa a antítese entre a vida e a literatura, prosa e poesia. De um lado, estilo lírico, subjetivo e perifrástico na figura de Liênski; e, de outro, o estilo prosaico, objetivo e simples na figura de Oniéguin. Mas uma imagem complementa a outra para simbolizar a união do verso e da prosa no romance: “[...] Ficaram amigos. A pedra e a onda, / o gelo e a chama, o verso e a prosa / não são assim tão dissemelhantes”.²⁹ Atribui-se a imagem de Liênski ao Púchkin mais jovem, mais “lírico”, e a de Oniéguin, a uma marca de amadurecimento e ceticismo pós-exílio. No romance que justamente marca sua transição do verso para a prosa, Púchkin mata o ideal de sua juventude

26 Estrofe XLIX do 7º capítulo. Ibid., p. 163.

27 Estrofe VI do 2º capítulo. PÚCHKIN, 2019, p. 87. Trad. de Alípio Correia Franca Neto e Elena Vássina.

28 1995, p. 591.

29 Estrofe XIII do 2º capítulo. PÚCHKIN, 2016, pp. 48-9. Trad. de Nina Guerra e Felipe Guerra.

junto com Liênski, no fatídico duelo com Oniéguin³⁰ - o triunfo da prosa. Após o duelo, o poeta-narrador se despede da “primavera de sua vida” e prenuncia a despedida da poesia e a chegada da prosa: “[...] a idade tende-me à severa prosa, / nega a rima travessa e sinuosa / [...] Será mesmo verdade, vou perguntando, / que a primavera da minha vida, / sem figura elegíaca, está perdida? / [...] Que vou fazer trinta anos de idade?”³¹ Portanto, no referido desenho, Púchkin provavelmente desenhou seu poeta-narrador mais semelhante a Liênski propositalmente, para marcar uma contraposição a Oniéguin e se distanciar de sua imagem pessoal. No entanto, o artista escolhido para fazer a ilustração fez algo diferente (fig. 2, p.78).

A gravura de E. Gueitman, realizada a partir de desenho de A. Notbek, foi publicada na revista *Niévskii Almanakh* em 1829. Além dos cachos do poeta-narrador terem sido aparados, ele se transformou nitidamente na imagem de Púchkin. Mas o que mais o irritou foi o fato de eles terem sido retratados de costas para a Fortaleza de Pedro e Paulo, e não ligeiramente virados para ela, como no seu esboço. À gravura, Púchkin dedicou um epigrama, que não chegou a ser publicado em vida: “[...] Com a bunda apoiada no granito / Está o próprio Aleksandr Serguêitch Púchkin / Com o monsieur Oniéguin. / Não se dignando a olhar / Para a fortaleza de poder fatal, / Ele orgulhosamente dá as costas”³².

Além dessas polêmicas às quais nos levaram os desenhos registrados nas cartas de Púchkin, em muitas delas o autor não faz mistério e revela claramente quais foram suas inspirações para determinadas histórias ou personagens. Por exemplo, na carta a D. M. Schwartz, de 9 de dezembro de 1824, ainda durante o exílio em Mikháilovskoie, Púchkin descreve seu cotidiano na aldeia e revela qual era o “protótipo” da babá de Tatiana, heroína de *Oniéguin*:

30 Em 1837, Púchkin veio a morrer da mesma forma que matou seu personagem, em um duelo, com o barão francês George-Charles D’Anthès.

31 Estrofes XLIII e XLIV do 6º capítulo. PÚCHKIN, 2016, pp. 140-1. Trad. de Nina Guerra e Felipe Guerra.

32 Púchkin, 1959, p. 582.



Figura 2 – Púchkin e Oniéguin. Gravura de E. Gueitman a partir do desenho de A. Notbek (1829).
Fonte: *storiia russkoi literatury: V 10 t. / AN SSSR. Institut russkoi literatury (Púchkinskii dom). T. VI. Literatura 1820-1830-x godov. Moskva; Leningrad: Izdatel'stvo AN SSSR, 1953, p. 245. Disponível em: <http://feb-web.ru/feb/irl/il0/il6/il6-159-.htm#%245>. Acesso em: 01 set. 2021.*

[...] Há poucos vizinhos ao meu redor, conheço apenas uma família e raramente a vejo – o dia todo ando a cavalo – à noite, ouço os contos da minha babá, o original da babá de Tatiana; acho que você a viu uma vez, ela é minha única amiga – e apenas com ela não sinto tédio.³³

Talvez a relação de Púchkin com a babá nos ajude a compreender a semelhança entre este e sua personagem, Tatiana. Tendo sido criado no meio aristocrata, com uma educação europeizante e francófona, somente com a babá, Arina Rodiónovna Iákovleva, Púchkin conheceu as lendas do folclore russo, a língua russa falada pelos camponeses. Uma das evidências disso para os biógrafos foi uma carta enviada ao irmão na primeira metade de novembro de 1824, também sobre seu cotidiano em Mikháilovskoie: “[...] à noite ouço contos de fadas – e compenso as deficiências da minha maldita criação. Que delícia são esses contos de fadas! Cada um é um poema!”³⁴

As cartas dessa época revelam uma certa solidão social e literária de Púchkin. E o poeta frequentemente se decepcionava com a qualidade da crítica literária na Rússia. No entanto, quanto mais insatisfeito Púchkin ficava, mais era impelido a escrever as que ele denominou “anticríticas”, réplicas para corrigir “opiniões errôneas”. Trocar críticas e reflexões sobre obras era uma prática muito comum no círculo de escritores próximos a Púchkin, como pudemos ver no exemplo anterior da carta de Bestújev e a resposta do poeta. Ao passo que, na ficção, Púchkin é extremamente reticente e deixa muitas questões em aberto, na correspondência, ele fala abertamente sobre suas intenções e muitas vezes explica algumas “inconsistências” apontadas pelos colegas. Muitas vezes, o poeta respondia críticas publicadas em revistas em cartas diretamente para seus autores, mas sabendo que elas não seriam lidas somente por seus destinatários e que provavelmente seriam lidas em voz alta em salões literários. Tal hábito fez com que os artigos funcionassem como réplicas de uma conversa, exercendo a mesma função que a correspondência. Um exemplo é um artigo de Viázemski, publicado na *Syn Otiéchestva*,

33 Púchkin, 1962b, p. 127.

34 Ibid., p. 119.

em 1822, sobre *O Prisioneiro do Cáucaso*, elogiando-o, mas também listando algumas críticas sobre o caráter do herói, a inconclusibilidade do poema etc. Púchkin escreve uma carta resposta e nos revela um dos seus princípios estéticos – o de não expressar tudo:

Você diz, minha alma, que ele é um filho da mãe porque ele não sofre pela circassiana [...]; o pensamento sobre ela teve que tomar posse de sua alma e se unir a todos os seus pensamentos – sem dúvida – não pode ser de outra forma; não é necessário expressar tudo – esse é o segredo do entretenimento.³⁵

Há outra crítica de Viázemski, mas desta vez enviada por carta, sobre uma “contradição” num trecho da carta de Tatiana enviada a Oniéguin. Viázemski aponta uma inconsistência no fato de que ela se refere ao protagonista como um antissocial que se sente enfastiado na erma aldeia, escrevendo o seguinte: “Uma pessoa antissocial não deve ficar entediada por estar em uma aldeia deserta [...]. É uma contradição!”³⁶ Eis a resposta de Púchkin:

Eu respondo a sua crítica: um antissocial não é um misantropo, isto é, aquele que odeia as pessoas, mas aquele que foge delas. Oniéguin é antissocial com seus vizinhos da aldeia; Tânia acredita que a razão para isso é que no deserto, na aldeia, tudo é enfadonho para ele [...]. Se, no entanto, o significado não for totalmente preciso, então há ainda mais verdade na carta; uma carta de uma mulher, aliás, de 17 anos, e também apaixonada!³⁷

Oniéguin recebeu duras críticas na imprensa contemporânea e em cartas alheias. Entre os pontos atacados pelos críticos, estavam as digressões, a falta de ação e a combinação de palavras coloquiais e arcaicas. Uma crítica marcante é a de Bulgárin, publicada nos números 35 e 39 de 1830 do jornal *Siévernaia Ptchelá*³⁸ sobre o sétimo capítulo: “A princípio,

35 Ibid., p. 62.

36 Carta para Púchkin presente no Tomo 13 da *Coletânea completa das obras, 1837-1937: Em 16 tomos* (1937, p. 117-118).

37 Púchkin, 1962b, p. 123.

38 *Siévernaia Ptchelá* [Abelha do Norte] foi um jornal político e literário russo publicado em São Petersburgo entre 1825 e 1864, fundado por Bulgárin e Grietch.

pensávamos que fosse uma forma de mistificação, simplesmente uma piada ou uma paródia. [...] Não há uma única ideia, uma única expressão de sentimento, uma única descrição digna de atenção neste insolente sétimo capítulo!”.³⁹ Em 28 de novembro de 1830, Púchkin fez uma alusão a essa crítica em uma introdução que havia preparado para o capítulo que seria originalmente o oitavo, sobre a viagem de Oniéguin. Em uma nota de rodapé, respondeu-lhe com a simplicidade e precisão características de seu estilo: “Um poeta pode escrever sobre o objeto mais trivial. Não há necessidade de um crítico analisar o que o poeta escreve, mas como ele o descreve”.⁴⁰ Anteriormente, em carta a Pletnirov, por volta de 5 de maio de 1830, Púchkin perguntou: “a opinião da “Siévernaia Ptchelá” afetou o consumo de “Oniéguin”? Estou curioso”.⁴¹

A carta, que já havia cedido espaço para o testemunho do processo de criação das obras e desenvolvimento de questões literárias, passou também a ser lugar de polêmicas. Bulgárin acabou se tornando um de seus maiores rivais e representando tudo que Púchkin mais desprezava na literatura e na crítica: baixo nível teórico e um espírito comercial corrosivo. Entre maio e junho de 1825, em uma carta a Bestújev, Púchkin faz duras críticas ao seu artigo “Um olhar sobre a literatura russa ao longo de 1824 e início de 1825”, publicado no almanaque *Poliárnaia Zvezdá*, no qual escreve “temos crítica, mas não temos literatura”. Púchkin pergunta:

De onde você tirou isso? é justamente a crítica que nos falta. [...] O que você chama de crítica? “Viéstnik Evropy”⁴² e “Blagonamiérennyi”? As notícias bibliográficas de Grietch e Bulgárin? Seus artigos? [...] Não, falemos sua frase ao contrário: temos alguma literatura, mas nenhuma crítica. [...] A crítica de um só povo precedeu a literatura – a dos alemães.⁴³

39 apud Wolff, 1971, p. 273-274.

40 apud Wolff, 1971, p. 274.

41 Púchkin, 1962b, p. 330.

42 *Viéstnik Evropy* [Boletim da Europa] foi uma revista publicada em Moscou entre 1802 e 1830, editada por V. A. Jukóvski, N. M. Karamzin, P. P. Sumarokov e M. T. Katchenovski.

43 Púchkin, 1962b, p. 158-159.

O tema da crítica rendeu muitas cartas, ensaios e esboços de Púchkin. Sua correspondência está estreitamente conectada à prosa crítica, com uma afinidade problemática e estilística. Em seus artigos, Púchkin frequentemente copiava trechos inteiros de suas cartas, apenas ligeiramente modificados.⁴⁴ O estudo do diálogo entre Púchkin e seus contemporâneos, principalmente por meio das cartas, nos revela o estado embrionário da crítica literária russa. O poeta estava vitalmente interessado no desenvolvimento da prática de crítica no país, mas sua posição oscilava entre a “ausência de crítica” e “a crítica ainda não está madura”. A partir do que escreveu na carta sobre o artigo de Bestújev de 1825, fez uma resenha que não chegou a ser publicada, na qual reiterou seus questionamentos sobre a frase “nós temos crítica, mas não temos literatura”: “Temos crítica? Onde está ela, então? Onde estão nossos Addissons, La Harpes, Schlegels, Sismondi? O que analisamos?”.⁴⁵ Púchkin comenta ainda no artigo “Sobre a crítica das revistas”, publicado em 1830 na *Literaturnaia Gazeta*, que as raras obras da literatura russa nunca foram realmente apreciadas. E que a pretensa “crítica” se limita a “notas bibliográficas secas, observações satíricas, mais ou menos espirituosas, elogios amistosos e genéricos ou, simplesmente, transforma-se em uma correspondência doméstica entre o editor e os colaboradores, revisor etc.”.⁴⁶ Entretanto, em outro artigo inacabado da mesma época, intitulado “Prática de reflexão sobre algumas acusações não literárias” (1830), Púchkin reformulou seus pensamentos e demonstrou ainda ter esperança no desenvolvimento da crítica, dizendo que as análises e veredictos das revistas contemporâneas eram suficientes para a literatura que tinham e que a crítica apenas ainda não havia amadurecido: “Ainda não precisamos de Schlegels, nem mesmo de La Harpes. Desprezar a crítica apenas porque ela ainda está em sua infância é desprezar a literatura jovem porque ela ainda não amadureceu. Seria injusto.”.⁴⁷

44 Semenکو, 1962, p. 402.

45 Púchkin, 1962a, p. 262.

46 Ibid., p. 33.

47 Ibid., p. 325.

Por conta das divergências das visões de Púchkin e dos editores das revistas contemporâneas a ele sobre a crítica, durante anos o poeta manifestou o desejo de fundar a sua própria. Entre os vários motivos que dificultavam a concretização desse desejo estavam não só as dificuldades que a censura tsarista lhe impunha, mas também a preguiça:

É hora de despacharmos Bulgárin, e “Blagomiérennyi”, e Polevoi, nosso amigo. Agora não estou disposto a isso, mas por Deus, algum dia vou começar uma revista [...].⁴⁸

O fato é que precisamos tomar posse de uma revista e reinar despoticamente e autocraticamente. Somos preguiçosos demais para traduzir, copiar, anunciar etc. etc. [...].⁴⁹

Se eu não fosse preguiçoso, se não estivesse noivo, e não fosse gentil demais, mas pudesse ler e escrever, escreveria uma resenha literária toda semana – mas não tenho paciência, nem raiva, nem tempo, nem vontade.⁵⁰

Enquanto não se decidia, Púchkin estimulava colegas do seu círculo progressista a se manifestarem publicando artigos e criando revistas de posição contrária à crítica reacionária e unilateral:

Em vez de um almanaque, não deveríamos começar uma revista como a “Edinburgh Review”? Precisamos de uma voz de crítica verdadeira; Quem, senão você, deve tomar a opinião geral nas mãos e dar à nossa literatura uma direção nova e verdadeira? Até agora, além de você, não temos críticas. Muitos (inclusive eu) lhe devem muito; você me livrou da unilateralidade nas opiniões literárias, e a unilateralidade é a destruição do pensamento. Se você concordasse em colocar suas conversas no papel, seria de grande benefício para a literatura russa: o que você acha?⁵¹

Em 1832, Púchkin finalmente pede a permissão do tsar Nikolai I para editar um jornal político, o *Dnievnik*.⁵² para acabar com o monopólio de Bulgárin e Grietch. Em carta a Pogodin,

48 Carta a Viázemski, de 27 de maio de 1826. PÚCHKIN, 1962b, p. 232.

49 Carta a Viázemski, de 9 de novembro de 1826. PÚCHKIN, 1962b, p. 244.

50 Carta a Pletnirov, de 13 de janeiro de 1831. PÚCHKIN, 1962c, p. 12).

51 Carta a P. A. Katiénin, enviada na primeira metade de fevereiro de 1826. PÚCHKIN, 1962b, p. 225

52 *Dnievnik* [Diário].

de setembro de 1832, Púchkin diz que, no jornal, “[...] a parte política é oficialmente insignificante; a parte literária é essencialmente insignificante; [...] eu queria destruir o monopólio e consegui. O resto pouco me interessa. Meu jornal será um pouco pior do que a *Siévernaia Ptchelá*. Não pretendo agradar ao público”.⁵³ No entanto, o aval definitivo do tsar Nikolai I não foi recebido e Púchkin se desanimou com o projeto. Depois, em 1836, Púchkin consegue a permissão do tsar para editar uma nova revista, *Sovremiennik*.⁵⁴

Na carta, datada de 31 de dezembro de 1835, com o pedido a Aleksandr Benckendorff, chefe da polícia secreta e encarregado da comunicação entre o poeta e o tsar, Púchkin explicita o caráter puramente literário das publicações: “gostaria de publicar quatro volumes de artigos puramente literários (como contos, poemas etc.), históricos, acadêmicos e também análises críticas da literatura russa e estrangeira”.⁵⁵ Em carta ao mecenas P. V. Naschokin, amigo próximo de Púchkin, de 27 de maio de 1836, o poeta expressa plena satisfação com o periódico: “Eu mesmo estou começando a amá-lo e, provavelmente, vou me ocupar dele ativamente”.⁵⁶ Se a raiva de Púchkin por Bulgárin serviu de estímulo de vencer sua preguiça de ter sua própria revista, então, os puchkinistas devem agradecer ao jornalista.

As críticas, muitas vezes hostis, aborreciam o poeta. No entanto, foram essas críticas mais hostis que estimularam Púchkin a refletir incessantemente sobre suas obras e ser cada vez mais experimental em sua escrita. Em uma via de mão dupla, tanto a literatura como a crítica literária russas se desenvolveram nesses debates. E o exame das cartas de Púchkin nos permite reconstituir essa complexa rede de conexões intertextuais tanto com a obra do poeta quanto com a

53 Púchkin, 1962c, p. 108.

54 A revista *Sovremiennik* [O Contemporâneo] foi publicada entre 1836 e 1866. Autores como Nikolai Gógol, V. A. Jukóvski, P. A. Viázemski, F. I. Tiútchev, V. F. Odóievski foram publicados em seus números. Púchkin passou cerca de 10 meses no cargo de editor-chefe. Depois de sua morte, em 29 de janeiro de 1837, o cargo foi assumido por Pletniiov.

55 Púchkin, 1962c, p. 266.

56 *Ibid.*, p. 295.

prática epistolar e crítica de seus correspondentes. As cartas são a principal fonte de estudo da história de sua vida, seu processo criativo, sua relação com a sua própria obra e suas concepções estéticas. Integradas, compõem um texto sincrético que combina literatura, crítica e vida.

Referências bibliográficas

ANDRADE, H. F. Cronologia da vida e da obra de A. S. Púchkin. In: ANDRADE, H. F. et al. (org.). *Caderno de Literatura e Cultura Russa: Dossiê Púchkin*. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004, p. 119-134.

GUIMARÃES, J. C. *Contrapontos: notas sobre a correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

KÜCHELBECKER, V. K. *Putechestvie. Dnievnik. Stati*. [Viagens. Diário. Artigos]. Ed. N. V. Korolieva et al. Leningrad: Naúka, 1979.

LOTMAN, I. *Púchkin. Biográfia Pissátelia. Statí i zamiétki, 1960-1990; "Evguênii Oniéguin": Kommentárii*. [Púchkin. Biografia do escritor. Artigos e notas, 1960-1990; "Evguêni Oniéguin: Comentários"]. Sankt Peterburg: Iskusstvo, 1995.

MODZALIÉVSKI, B. L. Predislovie [Prefácio]. In: PÚCHKIN, A. S. *Písma* [Cartas]. T. 1. Písma, 1815-1825. Edição e notas de B. L. Modzaliévski. Moskva; Leningrad: Gossudarstvennoie izdatelstvo, 1926, p. III–XLVIII.

PÚCHKIN, A. S. *Eugénio Onéguin: Romance em Verso*. Trad. Nina Guerra e Felipe Guerra. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

PÚCHKIN, A. S. *Eugénio Onéguin: Um Romance em Versos*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto e Elena Vássina. Edição bilíngue. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

PÚCHKIN, A. S. *Polnoie sobranie sotchinienii, 1837-1937: V 16 tomakh. T. 13. Perepiska, 1815-1827* [Coletânea completa das obras, 1837-1937: Em 16 tomos. T. 13. Correspondência, 1815-182. Editado por BLAGÓI, D. D. Moskva; Leningrad: Izdatelstvo AN SSSR, 1937.

- PÚCHKIN, A. S. *Sobránie sotchiniénii v 10 tomákh. Tom 2. Stikhotvoriénia 1823-1836*. [Coletânea de obras em 10 tomos. Tomo 2. Poesia 1823-1836]. Moscou: GIKHL, 1959.
- PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchinienii v 10 tomakh. Tom 6. Kritika i publitsistika* [Coletânea de obras em 10 tomos. Tomo 6. Crítica e jornalismo]. Editado por BLAGÓI, D. D. et al. Moscou: GIKHL, 1962a.
- PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchinienii v 10 tomakh. Tom 9. Pis'ma 1815-1830* [Coletânea de obras em 10 tomos. Tomo 9. Cartas 1815-1830]. Editado por BLAGÓI, D. D. et al. Moscou: GIKHL, 1962b.
- PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchinienii v 10 tomakh. Tom 10. Pis'ma 1831-1837* [Coletânea de obras em 10 tomos. Tomo 10. Cartas 1830-1837]. Editado por BLAGÓI, D. D. et al. Moscou: GIKHL, 1962c.
- PÚCHKIN, A. S. *Sotchinieniia Púchkina. Perepiska* [Obras de Púchkin. Correspondência]. T. II. Ed. V. I. Saitov. Sankt Peterburg: Tip. Imper. akad. Naúk, 1908.
- SEMENKO, I. *Pis'ma Púchkina* [Cartas de Púchkin]. In: PÚCHKIN, A. S. *Sobranie sotchinienii v 10 tomakh. Tom 9. Pis'ma 1815-1830* [Obras reunidas em 10 tomos. Tomo 9. Cartas 1815-1830]. Editado por BLAGÓI, D. D. et al. Moscou: GIKHL, 1962, p. 389-407.
- TOMACHÉVSKI, V. *Púchkin*. Moskva-Leningrad: Akademiia Nauk SSSR, 1961.
- TYNIÁNOV, I. N. *Arkhaisty i novatory* [Arcaístas e inovadores]. Leningrad: Priboi, 1929.
- WOLFF, T. *Pushkin on literature*. London: Methuen & Co, 1971.